XVII SIIU Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo
21 a 22 agosto 2025 CAMPINAS
19 a 20 junho 2025 VALENCIA
DOI: 10.5821/siiu.14047

ENVELHECER NO LUGAR NO BRASIL

Uma síntese conceitual a partir da literatura nacional

BASTOS, Isabela de Olivera[1]
SAMORA, Patrícia Rodrigues[2]
FERNÁNDEZ, Alejandro Pérez-Duarte[3]

Abstract

Population aging in Brazil raises critical reflection about housing for the elders, particularly considering persistent socio-spatial inequalities and housing shortages. Among housing alternatives, aging in place has emerged as a widely discussed international model - yet its applicability to the Brazilian context remains imprecise. This study examines how Brazilian literature conceptualizes aging in place. Through an integrative review at Scielo, Google Scholar, and BDTD databases, we analyzed 80 out of 1,209 identified publications. Most studies originated from health sciences and architecture/urban planning, framing aging in place in terms of independence, autonomy, safety, and accessibility. Our content analysis revealed nine distinct definitions, which we organized into four thematic categories: (1) permanence and stability; (2) autonomy and choice; (3) community and urban integration; and (4) institutional frameworks and public policy. Building on these findings, we propose a context-sensitive definition for Brazil that integrates three key dimensions: public policy considerations; the integration between the spatial dimension of home and neighborhood with access to urban services and social support; and the subjective experiences of older adults. We argue that conceptual precision regarding this concept is essential to the development of public policies aimed at creating suitable environments for aging.

Keywords: *Aging in place, architecture and urban planning, Brazil, integrative review.*

Resumo

O envelhecimento populacional no Brasil demanda reflexões sobre moradia da pessoa idosa, sobretudo considerando desigualdades socioespaciais e desafios habitacionais. Entre as alternativas de moradia, o envelhecimento no local surgiu como um modelo internacional amplamente discutido - mas sua aplicabilidade ao contexto brasileiro permanece pouco precisa. Este estudo objetiva analisar a conceituação de envelhecer no lugar na literatura brasileira. Realizou-se uma revisão integrativa nas bases SciELO, Google Acadêmico e BDTD, selecionando 80 dentre 1.209 publicações encontradas. Predominaram estudos nas áreas de saúde e arquitetura e urbanismo, associando envelhecer no lugar a atributos como independência, autonomia, segurança e acessibilidade. A análise de conteúdo permitiu identificar nove definições agrupadas em quatro categorias: (1) permanência e estabilidade; (2) autonomia e escolha; (3) integração comunitária e urbana; e (4) condições institucionais e políticas públicas. Com base nessas descobertas, propõe-se uma definição sensível ao contexto brasileiro que integra três dimensões principais: a perspectiva de políticas públicas; a integração entre a dimensão

[1] Políticas territoriais e a água no meio urbano, Escola de Arquitetura, Artes e Design, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas), https://orcid.org/0000-0001-5397-4413, Brasil, isabela.ob2@puccampinas.edu.br.

[2] Políticas territoriais e a água no meio urbano, Escola de Arquitetura, Artes e Design, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas), https://orcid.org/0000-0002-2105-8557, Brasil, patricia.samora@puc-campinas.edu.br.

[3] Laboratorio de Hábitat para Personas Mayores, DHDU, ITESO, Universidad Jesuita de Guadalajara), https://orcid.org/0000-0001-5500-9828, México, apdf230174@live.com.

espacial da casa e do bairro com o acesso a serviços urbanos e suporte social; e a subjetividade das pessoas idosas. Conclui-se que a clareza conceitual pode orientar a elaboração de políticas públicas que viabilizem lugares adequados ao envelhecimento.

Palavras-chave: *Aging in place, arquitetura e urbanismo, Brasil, revisão integrativa.*

Área temática: *Cidade.*
Subárea temática: *Habitação e cidade.*

1. Introdução

O Brasil tem passado por uma transição demográfica marcada pelo aumento da longevidade, resultando em crescimento expressivo da população idosa. Esse fenômeno demanda reflexões sobre as condições de moradia e necessidades das pessoas idosas. Estudos indicam que a maioria delas prefere envelhecer em suas próprias casas, em vez de se mudar para instituições (Fonseca, 2020). Essa tendência se reflete na realidade brasileira, onde apenas 0,5% dessa população reside em instituições de longa permanência (IBGE, 2022). Assim, seja por escolha ou por falta de alternativas, a maior parte dos brasileiros idosos permanece em seus lares ou com familiares, o que reforça a cultura local – e da América Latina em geral –, onde as famílias, sobretudo as mulheres, são as principais responsáveis por cuidar de seus longevos (Rosas, 2014).

Nesse contexto, faz-se necessário compreender se os espaços onde os idosos brasileiros habitam - suas casas e bairros - oferecem condições adequadas para o envelhecimento ativo e saudável, especialmente considerando os desafios habitacionais e urbanísticos do país. A Gerontologia Ambiental, campo que estuda a interação entre pessoas idosas e o ambiente, aborda o conceito de *aging in place* (envelhecer no lugar). Este termo não possui uma conceituação clara, sendo que Forsyth e Molinsky (2021) identificaram definições que variam desde a permanência da pessoa idosa no mesmo local onde sempre viveu até políticas públicas de envelhecimento.

Tradicionalmente, o conceito tem sido mais explorado na área da Saúde, embora nos últimos anos tenha havido um crescente interesse da Arquitetura e Urbanismo. Um dos motivos é sua adoção por agendas internacionais, como a Rede Cidades e Comunidades Amigas da Pessoa Idosa[4], criada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2005, e a Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030), promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU)[5].

A discussão sobre *aging in place* no Brasil ainda é incipiente e frequentemente descolada das especificidades locais, como carência de moradia, desigualdades socioespaciais e predominância de arranjos familiares informais de cuidado. Na realidade nacional, onde o fator idade muitas vezes se soma a esse quadro mais amplo de vulnerabilidades sociais, é necessário clareza para abordar um assunto tão importante quanto o lugar em que as pessoas vivem ao longo do seu envelhecimento.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo principal analisar como o conceito tem sido interpretado nas publicações brasileiras, identificando definições e possíveis contradições, além de propor uma síntese conceitual. Os objetivos secundários incluem mapear áreas do conhecimento, autores relevantes e atributos associados ao tema. Para tanto, realizou-se uma revisão integrativa da literatura nas bases SciELO, Google Acadêmico e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

Ao longo do artigo, será apresentado o contexto do *aging in place*, o método adotado na revisão da literatura, seguido pela descrição dos resultados e discussão.

2. Aging in place: contexto

O conceito de *aging in place* está intimamente ligado à Gerontologia Ambiental, campo interdisciplinar que estuda as interações entre indivíduos idosos e o ambiente. Ao longo do tempo, várias abordagens teóricas buscaram explicar essa relação, dentre as quais destaca-se a Teoria Ecológica do Envelhecimento, proposta por Lawton e Nahemow (1973), que enfatiza a necessidade de suporte

[4] Disponível em: Cidades e comunidades amigas das pessoas idosas.

[5] Disponível em: https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030

ambiental para manter a autonomia das pessoas idosas à medida que enfrentam desafios de mobilidade ou funcionalidade. Forsyth e Molinsky (2020) destacaram ainda a Teoria da Ecologia Social, que amplia essa perspectiva ao incluir fatores sociais, institucionais e culturais na interação pessoa-ambiente, além do conceito de normalidade residencial, que sugere que pessoas idosas vivem em uma "zona de conforto residencial", onde sentem domínio, competência e controle sobre o espaço habitado. Essas abordagens convergem para o conceito de envelhecimento no lugar.

O termo *aging in place* surgiu em 1961, inicialmente para descrever pessoas idosas que permaneciam em áreas rurais, e só a partir da década de 1970 começou a ser empregado no contexto urbano (Forsyth e Molinsky, 2020). A popularidade desse conceito entre os idosos advém de sua utilização em discursos de autoajuda e em políticas voltadas ao envelhecimento. Além disso, está ligada às críticas a instituições de longa permanência para idosos, fomentando a valorização da permanência em casa, tanto por preferências pessoais quanto por questões econômicas, já que o cuidado domiciliar representava menores custos para os governos.

Atualmente, o conceito é amplamente discutido em países como Estados Unidos, Reino Unido, Austrália e Singapura, mas sua definição permanece multifacetada. Em revisão da literatura internacional, Forsyth e Molinsky (2020) identificaram sete definições, agrupando-as em três categorias: centradas no lugar (nunca se mudar; permanecer em casa o máximo possível; permanecer na mesma vizinhança/região); relacionadas aos serviços de cuidado (permanecer longe de instituições asilares; não precisar ser transferido entre diferentes instituições); e relacionadas à autonomia e controle (ter escolhas; ideal político multifacetado).

Uma síntese bastante difundida refere-se ao *aging in place* como a capacidade das pessoas idosas viverem em sua própria casa e comunidade com segurança, independência e conforto, independentemente da idade, renda ou nível de capacidade intrínseca.

Forsyth e Molinsky (2020) destacam que a casa e seus arredores representam um ambiente físico familiar que ancora relações sociais e proporciona sensação de continuidade. No entanto, elas afirmam que o conceito não pode ser um ideal fixo, pois a permanência do idoso no local de moradia resulta de um conjunto complexo de escolhas, motivações e restrições. Nesse sentido, as autoras reforçam que a variedade de definições, até mesmo partindo de diferentes interpretações das próprias pessoas idosas, consiste em um problema, uma vez que essa imprecisão poderá se refletir em políticas públicas e soluções habitacionais e urbanas incompatíveis com as necessidades e preferências dos idosos.

3. Método

Foi realizada uma revisão integrativa de literatura buscando obter um panorama geral do conceito, de forma a sintetizar conhecimentos e incorporar seus resultados na prática. Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010), esta abordagem metodológica é mais ampla do que outros tipos de revisão, pois permite a inclusão de diferentes tipos de estudo para compreender um fenômeno.

As bases selecionadas foram: Scielo Brasil, uma das principais bases de acesso aberto no país, agregando publicações de revistas reconhecidas; Google Acadêmico, para captar publicações não indexadas em bases específicas, como livros e anais de congressos; e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), para garantir a inclusão de trabalhos produzidos nos programas de pós-graduação. Utilizou-se como descritores o termo original em inglês *“aging in place”*, frequentemente mantido nas publicações em português, e a sua tradução literal, "envelhecer no lugar".

Para seleção das publicações, foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: trabalhos em língua portuguesa, relacionados ao contexto brasileiro, quando o tema geral tratar de aspectos do envelhecimento, considerando a ocorrência dos termos em títulos, resumos, palavras-chave e no corpo do texto. As cartas editoriais e publicações que continham os termos apenas nas referências bibliográficas foram excluídas (Fig. 1).

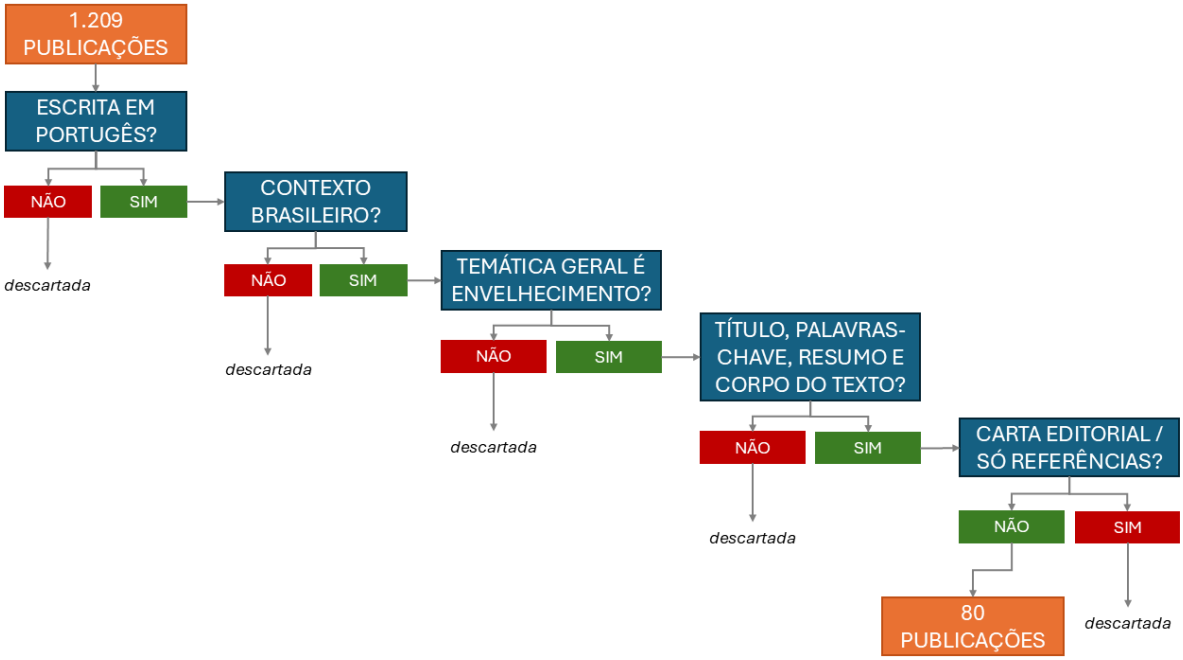


Fig. 1 *Procedimento para seleção das publicações.* Fonte: Elaboração própria (2025)

Para apreciação dos trabalhos selecionados, o procedimento adotado foi a leitura do resumo, da introdução, dos objetivos, da metodologia e do conteúdo relacionado à conceituação do *aging in place*. Essas informações foram sintetizadas e, juntamente com os dados catalográficos das publicações, sistematizadas em uma tabela no Excel. A síntese do conceito de envelhecer no lugar de cada estudo, foi submetida à análise de conteúdo, segundo a perspectiva de Bardin (2016), procedimento realizado com auxílio do software ATLAS.ti. Essa análise proporcionou tanto a criação de categorias analíticas, quanto a identificação dos atributos associados ao *aging in place* e da frequência com que são mencionados.

Importante destacar que, diferentemente de um estado da arte focado em identificar os avanços científicos mais recentes, esta revisão buscou compreender o panorama geral do conceito no Brasil, sendo importante identificar quando ele começa a ser explorado e quais as definições adotadas ao longo do tempo. Por isso não se estabeleceu um recorte temporal. Além disso, o conceito de *aging in place* não é restrito a uma única área do conhecimento, por isso a escolha das bases buscou obter um panorama mais amplo da literatura brasileira, considerando diferentes perspectivas disciplinares, seja através da literatura branca (artigos de periódicos e livros) seja da cinzenta (teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso e artigos de evento).

4. Resultados

A pesquisa foi realizada em dezembro de 2024. Foram encontrados 6 resultados no Scielo Brasil, 727 no Google Acadêmico e 296 na BDTD, totalizando 1.029 publicações. Foi realizada uma checagem minuciosa dos trabalhos para identificar se de fato continham os descritores pesquisados. Grande parte das publicações curiosamente não continha tais termos ou estes eram mencionados apenas nas referências bibliográficas, sendo, portanto, desconsideradas. Verificou-se ainda a presença de publicações em inglês e em português [Portugal], que também foram descartadas.

Após a verificação do atendimento aos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionadas 80 publicações para análise aprofundada. Trata-se de 26 artigos de periódicos, 2 livros, 7 artigos apresentados em eventos, 12 teses de doutorado, 26 dissertações e 1 trabalho aplicado de mestrado e 6 trabalhos de conclusão de curso. A tabela a seguir resume os achados.

Tabela 1. *Publicações selecionadas.* Fonte: Elaboração própria (2025)

Tipo	N	Titulo	Autoria	Ano
ARTIGOS EM PERIÓDICOS	1	O Lugar do Afeto, o Afeto pelo Lugar: O que Dizem os Idosos?	MACEDO, Danielle et al	2008
	2	Fragilidade do idoso: o que vem sendo produzido pela enfermagem	LINCK, Caroline de Leon; CROSSETTI, Maria da Graça Oliveira	2011
	3	Terceira idade, design universal e aging-in-place.	PORTO, Camila Feldberg; REZENDE, Edson José Carpintero	2016
	4	Contribuições teóricas sobre o envelhecimento na perspectiva dos estudos pessoa-ambiente	ALBUQUERQUE, Dayse da Silva et al	2018
	5	O Guia Global da Cidade Amiga do Idoso: sustentabilidade e contribuições do design	PORTO, Camila Feldberg; REZENDE, Edson José Carpintero	2018
	6	DESENHO URBANO E ENVELHECIMENTO ATIVO EM VIAS URBANAS: O caso do projeto de requalificação da Av. Domingos de Almeida, Pelotas/RS	ROTTA, Mariana Porto; SANTIAGO, Gustavo Benedetti; JORGE, Liziane de Oliveira; MEDVEDOVSKI, Nirce Saffer	2020
	7	REQUALIFICAÇÃO URBANA DE ÁREAS RIBEIRINHAS: O projetar a partir da percepção da comunidade pesqueira	MOURA, Karina dos Santos; PORTELLA, Adriana; CHIARELLI, Ligia Maria Ávila	2020
	8	Envelhecer no Lugar: A garantia de direitos dos Idosos junto a Defensoria Pública da Comarca de São Carlos	SANTOS, Luiz Eduardo dos; TONON, Elisete Maria Paiola; ZAZZETTA, Marisa Silvana	2020
	9	Contribuição para a elucidação dos conceitos de qualidade de vida urbana e qualidade ambiental sob a ótica dos indicadores ambientais	FARINON, Suelen Josiane; MIRON, Luciana Inês Gomes; OLIVEIRA, Wagner Mazetto de	2020
	10	Participação social e envelhecimento: Concebendo cidades amigas aos idosos	ALBUQUERQUE, Dayse da Silva et al	2020
	11	Cidade amiga da pessoa idosa: uma utopia para a Brasília metropolitana na década do COVID-19	MOURA, Leides Barroso de Azevedo; MACIEL, Tatiana Frade	2020
	12	Condomínio especializado para pessoa idosa: morar ou não morar? Eis a questão! Um estudo de caso em Viçosa-MG/ Brasil	DARDENGO, Cassia Figueiredo Rossi; MAFRA, Simone Caldas Tavares	2020
	13	Idoso e o uso de tecnologias assistivas em casa: uma revisão sistemática de literatura	MELO, Hélter; CORREIA, Walter; CAMPOS, Fábio	2020
	14	O idoso, sua casa e suas coisas: contribuições para criação de um entorno mais acolhedor para os maiores de 60 anos	ROSA, Marília Ceccon Salarini da	2020
	15	Parâmetros de avaliação da qualidade habitacional para idosos: uma revisão da literatura	SOUZA, Rayane Barcellos Marinho de et al	2020
	16	Envelhecer em comunidades rurais: a vida narrada por velhos e velhas no interior do Paraná	PRADO, Débora Cristina Pereira; KRUPEK, Lirian Simões; GONÇALVES, Priscila Leite	2021
	17	Qualidade visual percebida por idosos em cenas de salas de estar	KUNST, Marina Holanda; FILHO, Lourival Costa	2021
	18	Envelhecer em instituição de longa permanência para idosos: estudo sobre a perspectiva Aging in place	SALGUEIRO, Claudia Daniele Barros Leite; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito	2022
	19	Envelhecimento, sentido de lugar e planejamento urbano: facilitadores e barreiras	ALBUQUERQUE, Dayse da Silva et al	2023
	20	Estratégias para prevenção de quedas no ambiente de moradia da pessoa idosa com foco no aging in place	TISSOT, Juliana Tasca; VERGARA, Lizandra Garcia Lupi	2023
	21	Ações de terapeutas ocupacionais na prevenção de quedas da pessoa idosa no domicílio: revisão integrativa da literatura (2017-2022)	SCHUARTZ, Patricia et al	2023
	22	Diretrizes de uma revisão bibliográfica em ambiência para pessoas idosas institucionalizadas	WANDSCHEER, Ana Lúcia Córdova; PÜTZENREUTER, Andréa Holz	2023
	23	Pressupostos epistemológicos das cidades amigas das pessoas idosas: revisão de escopo	MACIEL, Tatiana Frade; MOURA, Leides Barroso Azevedo	2023
	24	Programa Maior Cuidado diante dos desafios do envelhecimento: uma análise qualitativa	CASTRO, Cláudio Phillipe Fernandes de et al	2023
	25	Design para longevidade: como planejar ambientes de moradia mais seguros	TISSOT, Juliana Tasca; VERGARA, Lizandra Garcia Lupi	2024
	26	Protocolo para ambientes de moradia seguros como suporte ao aging in place	TISSOT, Juliana Tasca; VERGARA, Lizandra Garcia Lupi	2024
LIVROS	27	Morar 60 Mais - Revolucionando a moradia em face da longevidade	RIOTO, Inês Andrade; BARROSO, Áurea Soares; VIANA, Edgard Borsoi (orgs)	2021
	28	Arquitetura e planejamento urbano: Modelando o futuro 2	MARTINS, Bianca Camargo (org.)	2024
ARTIGOS DE EVENTOS	29	Aging in place: percepção de qualidade de vida para a pessoa	GARCIA, J. M. et al	2022
	30	Avaliação estética em ambientes residenciais de idosos	PAIVA, Marie Monique; SOBRAL, Rafaela Ferreira de Almeida; VILLAROUCO, Vilma	2016
	31	Relações sociais de idosos e a influência do ambiente urbano: uma revisão narrativa de literatura	NASCIMENTO, Mariana Alves da S. do et al	2018
	32	Neurociência aplicada à arquitetura sensível à demência: conexões entre envelhecimento e ambiente construído	ALBUQUERQUE, Ciro Férrer Herbster	2023
	33	Estratégias do aging in place que favorecem o Envelhecimento Saudável: revisão de escopo	OLIVEIRA, Rodrigo Mota de et al	2024
	34	Fatores que influenciam idosos a mudarem de domicílio e as demandas para o Aging-in-Place	SANTOS, Mohana Fernandes Marques et al	2024
	35	Aging in place e casa inteligente, conceitos associados no Campo da arquitetura e do urbano para o envelhecer com Saúde	PODADERA, B. C.; ALVES, S. A.	2024
TESES E DISSERTAÇÕES	36	Habitação para idosos: uma casa para todas as estações	MACHADO, Nino Roberto Schleder	2005
	37	Ambiente Residencial e Envelhecimento Ativo: Estudos sobre a relação entre bem-estar, relações sociais e lugar na terceira idade	LIMA, Ana Beatriz Rocha	2011
	38	Condições de vida de idosos residentes na comunidade e suas relações com depressão: dados do FIBRA (Polo Unicamp)	UCCELLA, Eva Cristina	2013
	39	Sistema de alarmes pessoais para idosos que residem sozinhos	BIANCHI, Marcela Maria de Castro	2016
	40	O impacto dos fatores ambientais na incapacidade de idosos: a importância de políticas públicas que valorizem o Aging in place	FERRER, Michele Lacerda Pereira	2017
	41	Percepção de salas residenciais por idosos – uso das técnicas de Seleção Visual, Realidade Virtual e Eletroencefalografia	PAIVA, Marie Monique Bruère	2018
	42	Docilidade ambiental: Espaços de convivência na promoção de qualidade de vida de idosos	AMÂNCIO, Denise Aparecida Rodriges	2018

Tabela 1. *(continuação)*

Tipo	N	Titulo	Autoria	Ano
TESES E DISSERTAÇÕES	43	Avaliação da percepção dos usuários institucionalizados e não institucionalizados sobre Instituições de Longa Permanência para Idosos na cidade de Pelotas / RS	MACHADO, Carolina Costa	2018
	44	Ambiente construído do bairro e atividade física: uma comparação baseada em sistemas de informação geográfica entre diferentes grupos etários da população de Curitiba, Brasil	LOPES, Adalberto Aparecido dos Santos	2018
	45	As políticas públicas na promoção do envelhecimento ativo: o caso dos espaços exteriores e edifícios públicos amigos dos idosos na cidade de Paulo Afonso-BA	SANTANA, Daniel Borges	2018
	46	Contribuição da ergonomia e do planejamento urbano para o envelhecimento e validação de instrumento qualitativo no município de Pato Branco - PR	OLIVEIRA, Suelyn Maria Longhi de	2018
	47	Um olhar para o futuro : diretrizes para o ambiente de moradia da pessoa idosa. Aspectos essenciais à continuação da vida com qualidade	DARDENGO, Cássia Figueiredo Rossi	2019
	48	A congruência entre a pessoa e o ambiente residencial na perspectiva de crianças e idosos	ALBUQUERQUE, Dayse da Silva	2019
	49	Envelhecimento na cidade: o caso da Vila dos Idosos	BONICENHA, Rodrigo Cardoso	2019
	50	Habitação de suporte para idosos: contribuição da arquitetura para o envelhecimento ativo e saudável	SILVEIRA, Carolina Morgado de Freitas	2019
	51	Sensores inerciais móveis no rastreio e predição de risco de quedas em idosos	BET, Patrícia	2019
	52	Do velho para o novo: percepções de idosos sobre o processo de *studentification*, as mudanças sócio-físicas do bairro e o *aging in place*	NASCIMENTO, Marina Alves da Silva do	2019
	53	Direito à moradia adequada para a pessoa idosa de baixa renda: um estudo quanti-qualitativo sobre políticas públicas habitacionais no interior do estado de São Paulo	SILVA, Nayara Mendes	2019
	54	Envelhecimento ativo e ambiente : índice de caminhabilidade, obesidade e incapacidade funcional	VEGI, Aline Siqueira Fogal	2019
	55	Políticas públicas e imóveis ociosos: aplicabilidade da função social a favor do envelhecimento	PORTES, Filipe Augusto	2020
	56	A experiência de moradia do idoso: suas relações com o processo de escolha e o bem-estar subjetivo	BINS, Letícia Nobre	2020
	57	O papel das empresas especializadas na promoção do trabalho para pessoas acima de 50 anos no Brasil	CABRERA, Antônio Navatta	2021
	58	Sinalização urbana com base no *Wayfifing* para o transporte público coletivo: a experiência com pessoas idosas	PIRES, Diana Lopes	2021
	59	Design e Doença de Alzheimer: Conceitos norteadores e diretrizes para a adaptação do lar do idoso com demência	AZEVEDO, Maria Carolina Dias de	2021
	60	Envelhecer no lugar e caminhabilidade: as cidades são preparadas para a velhice? - Uma revisão sistemática	ARAÚJO, Camila de Fatima Neves	2021
	61	Relação entre distintas características urbanas, conexão com o lugar, interação social e mobilidade de idosos	BERTONI, Amanda Schüler	2021
	62	Ambiência em moradias para pessoas idosas institucionalizadas acometidas da doença neurodegenerativa de Alzheimer: uma revisão bibliográfica	WANDSCHEER, Ana Lúcia Córdova	2022
	63	Envelhecer no campo ou cidade: a escolha de aposentados rurais na comunidade do Cerro do Ouro, Santo Antônio das Missões-RS	BIRCK, Vitor	2022
	64	Reflexões sobre princípios de design de ambientes para idosos que vivem com demência	DARIO, Marina Baltieri	2022
	65	Mecanismos de apoio ao exercício da autonomia pela pessoa idosa hipervulnerável	LESSA, Carolina de Marsillac	2022
	66	Aspectos de uma cidade amiga do idoso no núcleo histórico do bairro Vila Nery – São Carlos / SP	CHIUSOLI, Thais Carolina	2022
	67	Programa Maior Cuidado: uma estratégia intersetorial frente aos desafios do envelhecimento	CASTRO, Claudio Phillipe Fernandes de	2022
	68	Análise da amigabilidade urbana de Brasília na percepção da pessoa idosa no Distrito Federal	MACIEL, Tatiana Frade	2022
	69	Aging in Place: Protocolo com Diretrizes Projetuais para Ambientes de Moradia Seguros para a Pessoa Idosa	TISSOT, Juliana Tasca	2022
	70	Análise dos fatores de usabilidade de aplicativo de cuidado remoto para adultos seniores e idosos: características do design, fatores cognitivos e sociodemográficos	DELGADO, Cristina Nieves Perdomo	2022
	71	Satisfação habitacional da pessoa idosa: construção de instrumento e validação de conteúdo	OLAIA, Letícia Felice	2023
	72	Mobilidade em espaço de vida na velhice: associações com desempenho cognitivo e funcional e percepção de controle e autonomia	ROCHA, Eduardo Amorim	2023
	73	Entre os meus. Envelhecer em comunidade (ageing in place): uma abordagem multidimensional para Arquitetura e Urbanismo	NASCIMENTO, Mariana Alves da Silva do	2023
	74	Hipoteca reversa e viabilidade de sua implantação no Brasil	MAGALHÃES, Eduardo Pedroto de Almeida	2023
TCC	75	Proposta de valor: a construção de experiência positiva para o público da melhor idade no setor aéreo brasileiro	ANDRADE, Carlos Alberto De et al	2018
	76	Uma cartografia por meio da construção de cenas problemas acerca das diversas faces da violência no estigma do envelhecimento e velhice	DOEBBER, Aline Graciela	2018
	77	Ambiente domiciliar para idosos: um estudo acerca das normas que regem o design de interior	COELHO, Juliana Lourenço; COUTO, Flávia Molina Toledo	2019
	78	Formas de provisão de moradia para idosos pelo mercado imobiliário: produção imobiliária para terceira idade	OLIVEIRA, Amanda Fonseca	2019
	79	A vila de casas inteligentes: Uma solução alinhada à cidade inteligente para qualidade de vida ao envelhecer	PODADERA, Bianca Carvalho	2023
	80	Envelhecer na cidade: o centro histórico de Araraquara e os impactos dos imóveis ociosos na comunidade	OLIVEIRA, Bianca Silva de	2023

As publicações são majoritariamente posteriores a 2018, mas a mais antiga é uma tese de doutorado publicada em 2005 (Fig. 2). Elas foram desenvolvidas a partir de diferentes métodos e procedimentos, muitas vezes mesclando distintas abordagens e técnicas, desde entrevistas a uso de sensores (Fig. 3).

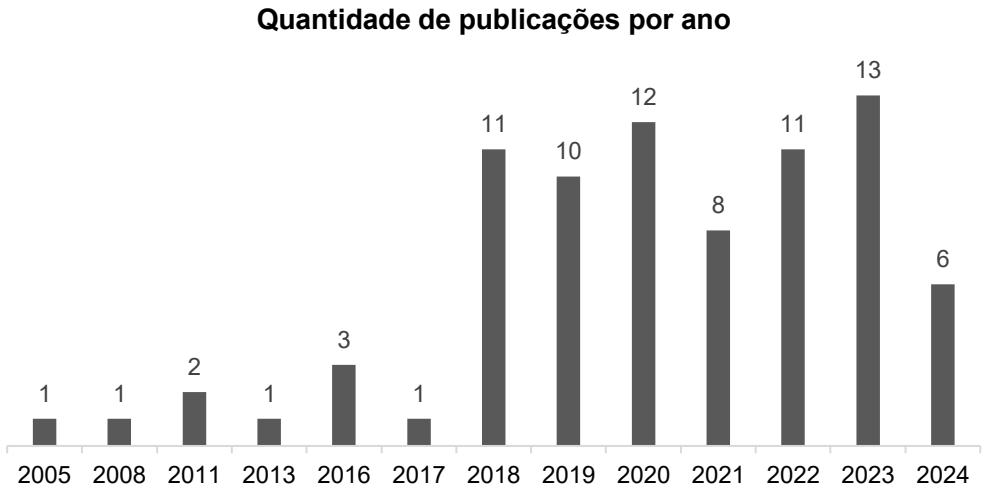


Fig. 2 *Quantidade de publicações por ano.* Fonte: Elaboração própria (2025)

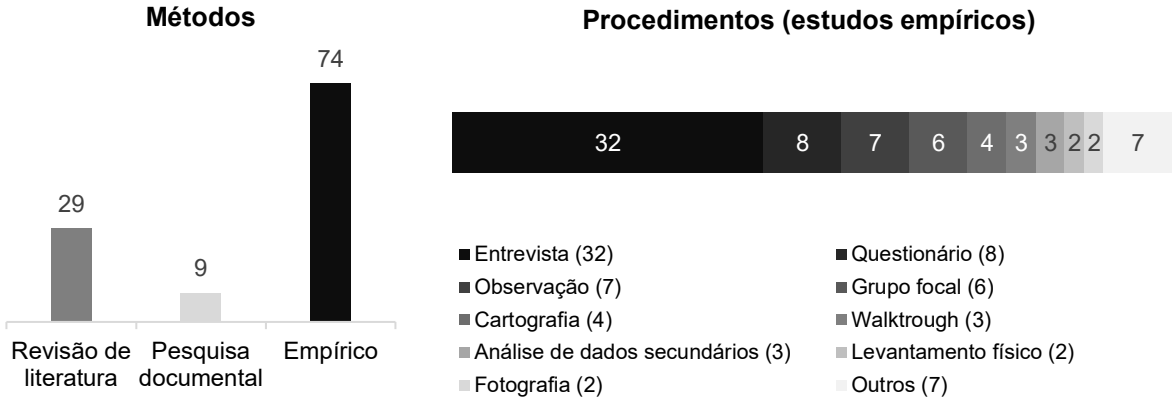


Fig. 3 *Métodos e procedimentos adotados nas publicações.* Fonte: Elaboração própria (2025)

Há maior representatividade de estudos nas áreas de Saúde e afins (n=34)[6] e Arquitetura, Planejamento Urbano e Design (n=33). Também foram encontrados trabalhos nas áreas de Administração, Bioengenharia, Direito, Economia Doméstica, Engenharias e outros, sendo que alguns inclusive foram fruto da colaboração de pesquisadores de mais de uma área do conhecimento, o que reflete a multidisciplinaridade do tema.

Alguns trabalhos mencionaram o termo “envelhecer no lugar” apenas de forma secundária, sem aprofundar sua definição, como, por exemplo, um artigo que o incluiu no título e nas palavras-chave e outro que dedicou somente uma nota de rodapé para explicá-lo.

A maioria dos autores referenciados são estrangeiros, destacando Iecovich (2014) (n=14), (Wiles *et al.*, 2011) (n=14) e Antônio M. Fonseca (2020) (n=8). Além disso, muitos estudos se embasaram em definições da Organização Mundial da Saúde (n=16). As principais referências nacionais mencionadas foram Porto e Rezende (2016) (n=11) e Batistoni (2014) (n=4).

[6] Os estudos enquadrados como pertencentes à área da saúde e afins incluem gerontologia, enfermagem, terapia ocupacional, psicologia, medicina, odontologia, nutrição, educação física, saúde coletiva, saúde pública, saúde do idoso e ciência.

Os principais atributos relativos à pessoa idosa foram independência, autonomia, qualidade de vida e saúde. Já para o ambiente, os principais aspectos foram segurança, apoio/suporte, conforto, mobilidade e acessibilidade, além de ser bastante presente a discussão sobre adaptação ambiental. O *aging in place* também foi correlacionado a conceitos como envelhecimento ativo, saudável e bem-sucedido, além do entendimento do envelhecimento enquanto processo.

A partir da análise de conteúdo, tomando como referencial o trabalho de Forsyth e Molinsky (2020) foram identificadas nove definições: permanecer em casa e na comunidade (n=45); permanecer na própria casa (n=29); políticas públicas (n=27); acesso a serviços e oportunidades (n=25); opção da pessoa idosa (n=25); permanecer em casa o maior tempo possível (n=25); evitar a institucionalização (n=21); permanecer no lugar onde viveu toda ou a maior parte da vida (n=16); e não precisar mudar-se (n=11). Ressalta-se que alguns dos trabalhos atribuíram mais de um significado ao *aging in place.*

5. Discussão

As definições foram organizadas em quatro categorias temáticas, não excludentes entre si, visando reduzir a ambiguidade. Essa categorização ponderou aspectos comuns às definições, sem desconsiderar nuances que as distinguem.

5.1. Definições relacionadas à permanência e estabilidade

Essa categoria agrupa três definições que giram em torno da ideia de continuidade, segurança e familiaridade do ambiente, enfatizando o vínculo com o espaço físico e a trajetória de vida.

A definição 'Permanecer na própria casa' centra-se no ideal de permanência da pessoa idosa na sua própria residência/lar, contrapondo-se não apenas à institucionalização, mas também à mudança para a casa de terceiros, ainda que seja a moradia de familiares. Geralmente, essa ideia está associada à posse do imóvel, embora um dos estudos analisados indique que a permanência também pode ocorrer em imóveis alugados por longos períodos. Essa definição está relacionada a atributos como independência e estabilidade.

'Permanecer no lugar onde viveu toda ou a maior parte da vida' alinha-se à perspectiva do curso da vida, associando a moradia às experiências vividas ao longo da vida adulta e às relações de vizinhança construídas. Reforça as referências materiais e simbólicas, que contribuem para o senso de pertencimento e familiaridade. Também considera a necessidade de adaptações na residência para permitir a permanência segura e o recebimento de cuidados domiciliares, quando necessário.

A definição 'Não precisar se mudar' parte do reconhecimento de que muitas pessoas idosas demonstram receio de mudanças e do desconhecido. Enfatiza a manutenção da rotina, das relações sociais e das características ambientais familiares. No entanto, evitar a mudança pode demandar adaptações residenciais e o uso de tecnologias assistivas, que, por sua vez, podem ser percebidas como alterações indesejadas. Assim, recomenda-se o planejamento antecipado das modificações.

5.2. Definições relacionadas a autonomia e à escolha do indivíduo

Essa categoria abrange duas definições que destacam a importância da decisão individual sobre onde morar, reconhecendo que essa escolha pode mudar ao longo do tempo conforme as necessidades e preferências da pessoa idosa.

A definição 'Opção da pessoa idosa' enfatiza tanto o *aging in place* como uma dentre outras opções de moradia, quanto a centralidade do idoso enquanto sujeito autônomo e capaz de decidir onde e como deseja viver. Essa perspectiva está associada à qualidade de vida, à individualidade e à autonomia. No entanto, vale ressaltar que a escolha está condicionada à disponibilidade de recursos biológicos, psicológicos, físicos e financeiros. Como apontam Lehning, Smith e Dunkle (2015), quando esses recursos são insuficientes, envelhecer no lugar, em vez de ser uma escolha consciente, se transforma em estar preso ao lugar (*stuck in place*) por falta de alternativas.

'Permanecer em casa o maior tempo possível' é uma definição relacionada ao desejo do idoso de viver em um ambiente familiar e seguro pelo maior tempo viável. Isso significa que envelhecer no lugar não é visto como única opção, mas sim como uma das possibilidades de morar ao longo do processo de envelhecimento, uma vez que essa condição pode se tornar inadequada quando a pessoa idosa enfrenta perda severa de suas capacidades funcionais. A permanência pode ser prolongada por meio de adaptações ambientais, tecnologias assistivas e políticas de suporte. Caso essas medidas se tornem

insuficientes, a mudança é desejável. Por isso, o planejamento antecipado de alternativas residenciais é essencial para evitar modificações abruptas e desgastantes, o que corrobora com a ideia de "*move in time"* (Palsig-Jensen, 1999). Essa perspectiva dialoga também com o conceito de *aging in the right place*, defendido por Stephen (Golant, 2015).

5.3. Definições relacionadas à integração comunitária e urbana

Essa categoria reúne duas definições que enfatizam a relação do envelhecimento no lugar com o entorno urbano, os serviços e as interações sociais

A definição de **'**Acesso a serviços e oportunidades' considera que o conceito de lugar vai além do domicílio, incluindo a conexão com a cidade. Garante-se o *aging in place* quando a moradia está integrada a uma rede de suporte com acesso a comércio, serviços, oportunidades, lazer, transporte, assistência social e de saúde, áreas verdes, atividades comunitárias, dentre outros elementos que compõem a urbanidade. Dessa forma, essa definição está relacionada ao exercício da cidadania e à garantia de direitos, além de atributos como segurança, conforto e autonomia.

'Permanecer em casa e na comunidade' é uma definição bastante frequente e evidencia que o conceito de lugar não se restringe à moradia, mas inclui a vida em comunidade, refletida nas relações sociais e na participação da pessoa idosa. Essa definição enfatiza a autonomia e a atividade do indivíduo. Em alguns estudos, comunidade também assume uma dimensão espacial, abrangendo o entorno (bairro ou região) onde a casa se localiza, além da rede de serviços e oportunidades disponíveis. Dessa forma, essa definição não apenas destaca os laços sociais, mas também traz à tona questões do espaço urbano. Na literatura, o termo original em inglês *community* é traduzido literalmente como comunidade, sem considerar as especificidades culturais do conceito no contexto brasileiro.

5.4. Definições relacionadas a condições institucionais e políticas públicas

Essas definições apontam que o envelhecimento no lugar requer medidas estruturais e coletivas, incluindo apoio estatal e ações para evitar a institucionalização precoce.

'Evitar a institucionalização' é uma definição que compreende o envelhecimento no lugar como oposto a viver em instituições de longa permanência, ou, ao menos, se refere a evitar a institucionalização precoce. Essa perspectiva está associada à visão tradicionalmente negativa sobre as instituições antigamente chamadas de asilos, frequentemente vinculadas ao abandono, à vulnerabilidade e à perda de autonomia da pessoa idosa. Também destaca os impactos negativos da institucionalização, como perda de privacidade, afastamento da comunidade e altos custos financeiros. Assim, envelhecer no lugar é visto como uma alternativa mais desejável, preservando o convívio social e a sensação de pertencimento ao seu meio.

A definição 'Políticas públicas', reforça a responsabilidade do Estado na promoção do *aging in place*, por meio de iniciativas que garantam suporte domiciliar ao idoso. Compreende o envelhecimento no lugar não apenas como uma escolha individual, mas como uma condição que deve ser viabilizada por políticas públicas voltadas à população idosa. Como os fatores ambientais são determinantes modificáveis da saúde, ações governamentais podem favorecer a permanência dos idosos em suas casas e comunidades. Entre as estratégias adotadas, destacam-se a oferta de cuidados domiciliares, políticas de moradia adequada à terceira idade, a redução de barreiras arquitetônicas urbanas, a melhoria das condições de segurança e a oferta de atividades comunitárias. Além disso, essa perspectiva também reflete um ideal de redução de custos públicos, priorizando medidas que evitem a institucionalização desnecessária e promovam alternativas baseadas no suporte familiar e social.

Essa diversidade de definições, embora enriqueça o debate, evidencia a necessidade de maior precisão ao conceituar o *aging in place*. No Brasil, o conceito esbarra na dificuldade de acesso à moradia por parcela significativa da população, o que se reflete em: necessidade de morar de aluguel, frequentemente comprometendo mais de 1/3 da renda familiar e acarretando mudanças frequentes; autoconstrução da moradia, sem projeto e por vezes em áreas de risco sem infraestrutura; ou acesso a habitação produzida pelo Estado, geralmente localizada em áreas periféricas que carecem de urbanidade (acesso a comércio, serviço, equipamentos sociais etc.). Ou seja, muitos brasileiros estão envelhecendo em lugares que não correspondem às definições acima apresentadas.

No campo da arquitetura e urbanismo, é fundamental uma conceituação que considere tais problemáticas, o que se traduz em uma definição que vai além de uma escolha individual, mas integra o rol de políticas públicas. Embora deva focar a atenção no ambiente construído - edificações

residenciais e bairros que compõem as cidades –, não deve perder de vista o fato de que as pessoas idosas interagem com o ambiente a partir de sua bagagem física, psicológica, social e cultural, adaptando-se a ele e adaptando-o conforme suas necessidades.

Dessa forma, propõe-se a compreensão do *aging in place* como a possibilidade de permanência da pessoa idosa em sua casa e em seu bairro, em um ambiente que favoreça a autonomia, a segurança, a socialização e o pertencimento, com acesso à infraestrutura urbana, serviços e redes de apoio. Trata-se, portanto, de uma concepção que articula o espaço da moradia com o espaço urbano, considerando tanto as qualidades físicas do ambiente construído e a urbanidade, quanto os vínculos sociais e simbólicos estabelecidos com o lugar.

6. Considerações finais

A revisão da literatura brasileira é uma etapa essencial para a compreensão mais aprofundada e contextualizada do conceito de *aging in place* no Brasil. Ao investigar como o termo tem sido interpretado e aplicado, bem como suas limitações e contradições, este estudo contribui para o esclarecimento de um conceito que ainda carece de uma definição clara e universalmente aceita.

O estudo revelou que, embora discutido desde os anos 1960, o conceito tem sido explorado há apenas duas décadas no Brasil. O termo é ambíguo, considerando as nove diferentes definições encontradas, carecendo de adaptação ao contexto nacional. Embora seja comum tratar do conceito na área da saúde, é crescente o interesse de arquitetos urbanistas.

Considerando a problemática da moradia no país, as diferentes definições culminaram para propor o entendimento de que o *aging in place* deve ser escopo das políticas públicas e, no que tange ao campo da Arquitetura e Urbanismo, deve considerar o espaço físico da moradia e dos bairros, incluindo o acesso a serviços e equipamentos urbanos, além dos aspectos subjetivos da interação do indivíduo idoso com seu ambiente.

Embora envelhecer no lugar seja apontado como preferência, além de ser realidade no Brasil atual, é importante reconhecer que esse modelo não deve ser uma imposição. Sua viabilidade depende de condições estruturais que envolvem políticas públicas intersetoriais e ações coletivas capazes de garantir que essa escolha seja acessível a todos, especialmente aos que vivem em contextos de vulnerabilidade. Ao mesmo tempo, outros lugares de envelhecer, como as instituições de longa permanência, devem ser compreendidas com respeito, considerando os diferentes contextos, necessidades e desejos das pessoas idosas.

A partir dessa reflexão teórica, espera-se fornecer subsídios para futuras investigações que explorem o envelhecimento no lugar na prática, tanto em termos de moradia quanto de políticas urbanas, favorecendo a criação de ambientes mais inclusivos e acessíveis para as pessoas idosas, além de servir como alicerce para aprofundar as discussões em Arquitetura e Urbanismo. Ressalta-se que ainda existem lacunas a serem exploradas, como, por exemplo, o significado de *community* internacionalmente e de comunidade no país; as diferenças entre *aging in place, stuck in place e aging in the right place*; a importância do *move in time*; bem como estratégias arquitetônicas e urbanísticas que favoreçam o envelhecimento no lugar.

Por fim, destaca-se que este trabalho se insere em uma pesquisa de doutorado em andamento que explora questões teóricas e metodológicas relacionadas ao envelhecimento no lugar e suas implicações para a Arquitetura e Urbanismo, com etapas futuras planejadas para investigar empiricamente aspectos práticos desse conceito.

7. Referências bibliográficas

BARDIN, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. 1º ed. São Paulo: Almedina Brasil.

BATISTONI, S. S. T. (2014). Gerontologia Ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, *17*(3), 647-657. doi:10.1590/1809-9823.2014.13088.

FONSECA, A. (2020). Aging in Place, Envelhecimento em Casa e na Comunidade em Portugal. *Ciências e Políticas Públicas / Public Sciences & Policies*, *6*(2), 21-39. Doi:10.33167/2184-0644.CPP2020.VVIN2/pp.21-39.

FORSYTH, A. e MOLINSKY, J. (2021). What Is Aging in Place? Confusions and Contradictions. *Housing Policy Debate, 31*(2), 181-196. Doi:10.1080/10511482.2020.1793795.

GOLANT, S. (2015). *Aging in the Right Place*. 1º ed. Baltimore: Health Professions Press.

IECOVICH, E. (2014). Aging in place: From theory to practice. *Anthropological Notebooks*, 21-33.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE (2022). Censo Demográfico 2022. Recuperado de: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html?edicao=41639&t=o-que-e. Acesso em: 12 de março de 2025.

LAWTON, M. P. e NAHEMOW, L. (1973) Ecology and the aging process. Em Eisdorfer, C. e Lawton, M. P. (Orgs.) *The psychology of adult development and aging (*619-674). Washington: American Psychological Association. doi:10.1037/10044-020.

LEHNING, A. J., SMITH, R. J. e DUNKLE, R. E. (2015). Do age-friendly characteristics influence the expectation to age in place? A comparison of low-income and higher income Detroit elders. *Journal of Applied Gerontology*, *34*(2), 158-180. doi:10.1177/0733464813483210.

PALSIG-JENSEN, S. (1999). Housing policy and aging--staying as long as possible in personal housing?. *Gesundheitswesen*, *61*(11), 528-31.

PORTO, C. F. e REZENDE, E. J. C. (2016). Terceira idade, design universal e aging-in-place. *Estudos em Design, 24*(1).

ROSAS, R. E. (2014). Feminización y colectivización del cuidado a la vejez en México. *Cadernos de Pesquisa*, *44*(152), 378-399. doi:10.1590/198053142873.

SOUZA, M. T. D., SILVA, M. D. D. e Carvalho, R. D. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, *8*(1), 102-106. doi:10.1590/s1679-45082010rw1134.

WILES, J. L., LEIBING, A., GUBERMAN, N., REEVE, J. e ALLEN, R. E. S. (2011). The Meaning of “Aging in Place” to Older People. *The Gerontologist*, *52*(3), 357-366. doi:10.1093/geront/gnr098.